

UMA COLEÇÃO EXTRAORDINÁRIA

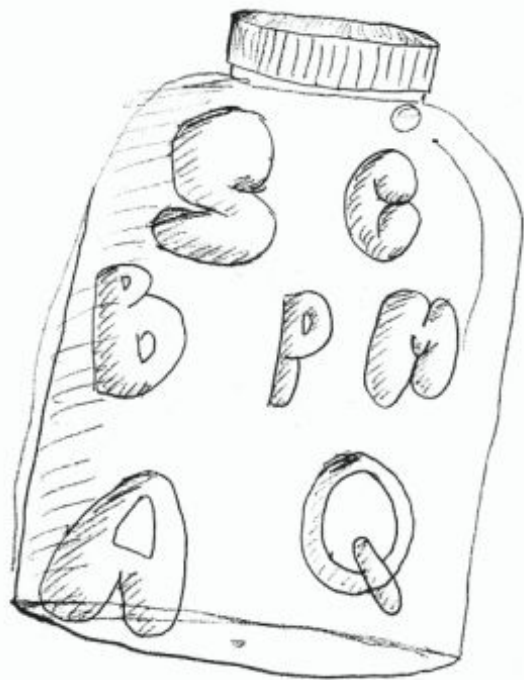
OU A CURIOSA HISTÓRIA DE UM FIM DE SEMANA DO ANTONIO



AVENTURA A QUATRO MÃOS
ANTÓNIO FERRO C. MADEIRA (DESENHOS) &
MARIA JORGE SAR FERRO (NARRATIVA)

editora
FAMEN

COIMBRA, 2026



UMA COLEÇÃO EXTRAORDINÁRIA

OU A CURIOSA HISTÓRIA DE UM FIM DE SEMANA DO ANTONIO

AVENTURA A QUATRO MÃOS
ANTÓNIO FERRO C. MADEIRA (DESENHOS) &
MARIA JORGE SAR FERRO (NARRATIVA)

COIMBRA, 2026

Copyright © 2026 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE – FAMEN. De acordo com a Lei n. 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Editora Chefe

Profa. Dra. Andrezza M. B. Do N. Tavares – Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5187018279016366>.

Editor Adjunto

Prof. Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8334261197856331>.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

F395c Ferro, Maria Jorge

Uma coleção extraordinária ou a curiosa história de um fim de semana do António : aventura a quatro mãos / Maria Jorge Sar Ferro ; ilustração de António Ferro C. Madeira. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2026.

60 p.: il.

ISBN: 978-65-82900-01-3.

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.202617>.

1 Literatura Infanto-Juvenil - Portugal. I. Madeira, António Ferro C. (il.).

CDD: 869

CDU: 82-93(469.34)

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB – 15/925

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Literatura Portuguesa – 869
2. Literatura Infanto-Juvenil de Portugal (Coimbra) – 377.1(813.2)



Rua São Severino, n.18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP:59060-40
CNPJ: 23.552.793/0001-57, Inscrição Estadual: 204392322, Inscrição Municipal:
2142633, editora@famen.edu.br e telefone: (84) 3653-6770.

Agradecimentos

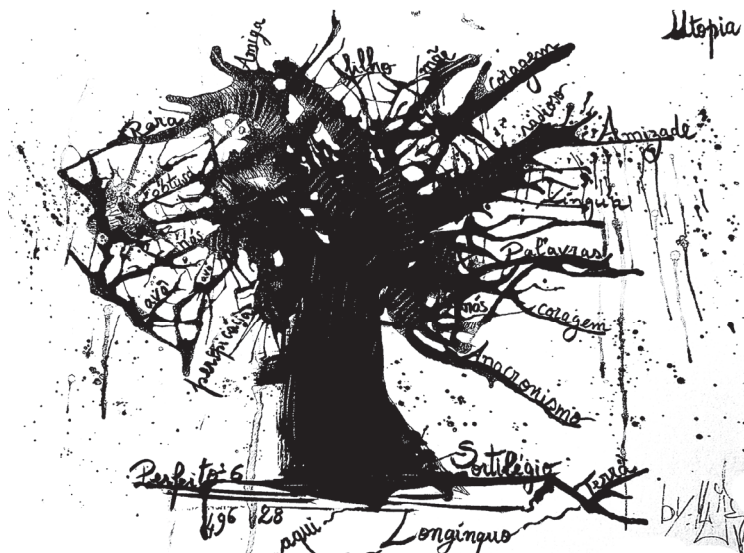
Umas palavras se impõem: deixar um bem-haja imenso a Amigas, todas Professoras, todas pessoas com um apreço especial por palavras. O agradecimento, ou engrandecimento que da oportunidade surge, a Ilane, Kadydia e Luanna, se não fosse por Luanna talvez nunca tivesse encontrado vocês – fico eu a pensar...

Um 'muito obrigada!' à Amiga de longos anos, Teresa Sá, a quem pedi que desse uma leitura para contar do que lhe parecia a história e que me ofereceu a revisão do texto, longo texto para um relato de um fim-de-semana conversado.

Ao António, por ser exatamente como é, por gostar de palavras, se calhar, mesmo antes de as pronunciar perfeitamente. Esta história é, ainda, um agradecimento a todos os avós e a todas as avós que apreciam jogo de letras, mistérios de descoberta de sentidos. Que seja de boa leitura a quem, agora, pegar no enredo e lhe der nova vida.

Muito obrigada!

Maria Jorge



Era uma vez um garoto chamado António.

Era um garoto como qualquer outro garotinho no mundo: quando perguntavam à mãe sobre como estava o seu menino, ela sempre respondia que ele estava feliz brincando – como toda a criança deve poder fazer.

Ora a questão estava precisamente aí...

E cada criança que tem como, gosta de brincar ao que gosta de brincar! Nem toda a criança gosta dos mesmos jogos, das mesmas fantasias, das mesmas tarefas ou brinquedos. Este era o ponto do menino dessa história. Ele não precisava de brinquedos, precisava de achar ideias novas todos os dias. Gostava de pensar sobre como se pensa e rir sobre curiosidades que nem toda a gente reconhece (porque nem as vêem ou não as identificam, às curiosidades, claro).



Quer dizer, o António, tinha olhos curiosos, mãos rápidas e ágeis, pernas velozes e aventureiras, gostava de observar tudo em redor, de imaginar muito mais que o que podemos nós conjecturar. Parecia mesmo que poucas pessoas o

acompanhavam nessa imaginação, e aí começava também um probleminha...

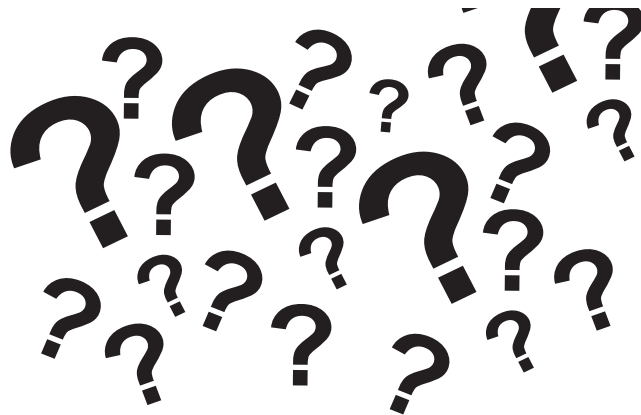
Não era fácil ter muitos amigos, ou amigas. Os mais agitados rapidamente se cansavam das coisas todas em que reparava e que o faziam, por isso, ficar a pensar de onde vinham,

de que material seriam feitas,

porque tinham a cor que apresentavam,

como seria o nome que lhe davam,

para que serviriam...



Isto, sobre as coisas, os objetos ou tralha esquecida em qualquer canto de uma rua, em casa ou na escola.

Não se distraia, reparem, não era distração: era atração por tudo dos dias. Sim, que também reparava nas nuvens diferentes, na luz da manhã pouco usual, no ruído novo que se escutava em algum lugar, no movimento do vento... Claro, claro, mas o vento seria uma força que, qual

pássaro, voasse sem se ver, só se sentisse?

Às vezes, a mãe ficava um bocadinho preocupada, talvez se ele tivesse um plano, um muito bom plano, como dizia assim que começou a falar, se focasse nesse objetivo e daí resultasse um projeto original...

Um dia, propôs:

– E se coleccionasses alguma coisa invulgar? Alguma coisa que te fizesse sentir excepcional? Vem aí o fim-de-semana com o dia mais especial do ano (o solstício de Verão no hemisfério norte, com o dia mais longo; e de Inverno no hemisfério sul, onde o dia será o mais curto), gostas sempre de o aproveitar e ficar a contemplar o sol a demorar um tempo que parece diferente a esconder-se. Pode ser que te surja uma boa ideia. Uma “grande boa ideia”, como dizias quando eras pequenino.

...

Primeiro o António pensou naquela ideia como um completo absurdo, umas horas depois (porque a proposta não lhe fugia da cabeça) passou a julgá-la uma completa balbúrdia!

À hora de jantar, o arroz tinha cubos de cenoura e ervilhas e ele tentou espetar, com apenas um dente do garfo, um bago de arroz, um cubo de cenoura e uma das verdes bolitas da leguminosa... (Eram como este, os seus jogos mais arriscados).

Não conseguiu furar o arroz, a cenoura partiu-se e escapou no prato, a ervilha parecia fazer uma corrida em jogo de apanhada e o António irritou-se!

– ACEleradas!!! Gritou ele, zangado. A mãe até se engasgou.

– Então, meu bem, que se passa?

Perguntou... mas o António já estava a rir como um tolinho. (A mãe ficou deveras intrigada!)

Então o rapazinho explicou o jogo que tinha experimentado (a mãe começou logo a abanar a cabeça: lá estava ele a brincar outra vez com a comida. Mas não o interrompeu), como os alimentos lhe fugiam e como “percebeu” que era sua a responsabilidade por essa fuga. Disse:

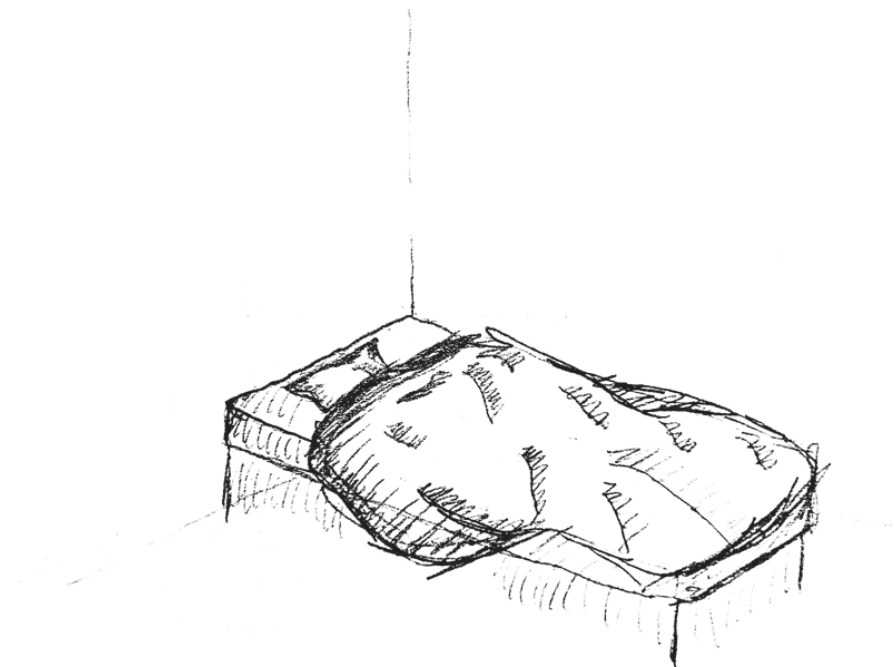
– Repara, mãe, estava a combinar **A**rroz-**C**enoura-**E**rvilha... já viste a palavra que começa com estas 3 iniciais? A-C-E – ACElora!!! Como é que eu havia de as conseguir apanhar???

Fartaram-se de rir.

O António estava sempre a lembrar-se de hipóteses tolas e estrambólicas sobre quase tudo e a mãe era, como ele mesmo já lhe tinha chamado, uma ‘disparadora de palavras’.

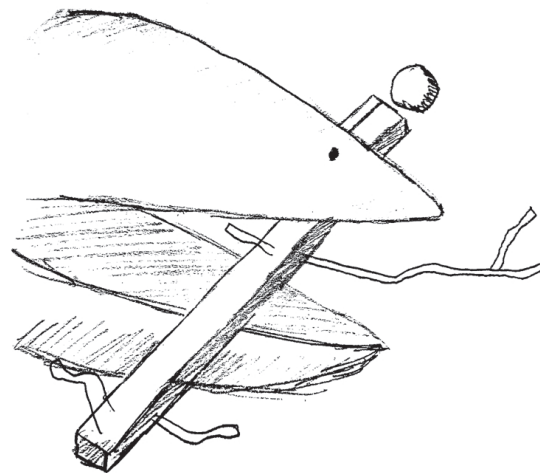
Percebiam-se bem!

Depois do incidente com a comida acelerada, o António não se lembrou mais da história da coleção excepcional e foi, julgava ele, tranquilamente dormir.

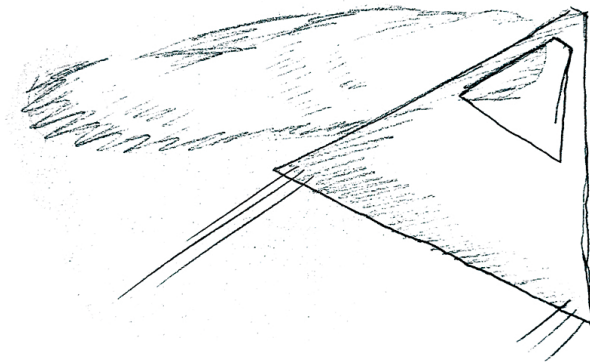


Mas quando adormece ... sonha com letras e mais letras, letras misturadas com figurinhas esquisitas, letras que parecem coisas e coisas que acabam por ser iguaizinhas a letras, letras, letras, mais letras...

Um pássaro com um pedaço de qualquer coisa no bico: seria um bocadinho de i ou um pauzinho para construir o seu ninho?

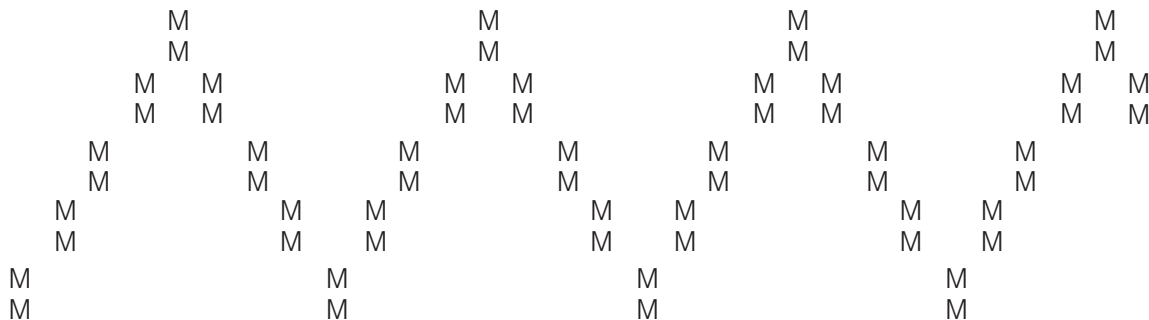


O passarito parece transformar-se e nisto já se vê a voar sobre um A, um A que seria uma asa-delta em acrobacias por cima de um monte alto, alto, alto... coberto de um branco tão branquinho que podia bem ser uma taça de chantilly mesmo à espera que nela mergulhem ou



... que nele deslizem como se fosse neve e lá já houvesse um trenó feito de um **J**

Da cobertura doce, afinal, parte-se à aventura e sem saber como já ri à gargalhada nas aventuras de uma montanha russa que mais parece um M



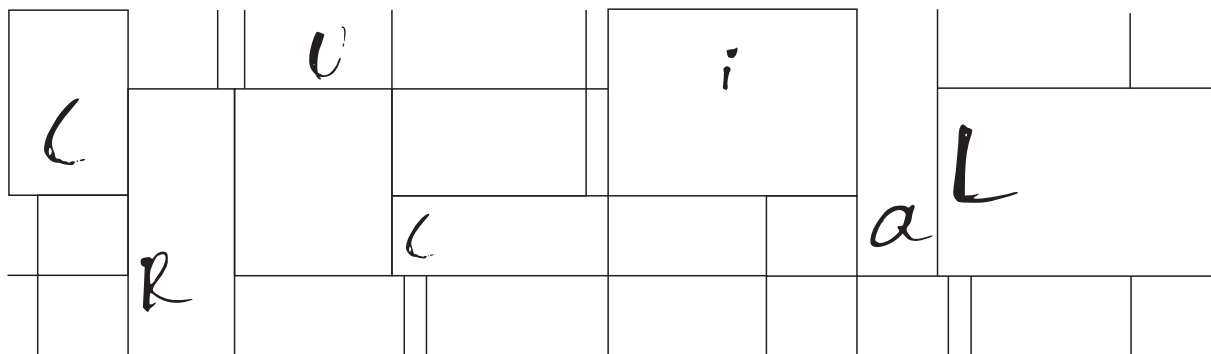
Ali à frente não se sabe o que está..... nem sabe se é um susto se um salto e:

Vê, ao longe, a palavra “excepcional”... **e**x**c**e**p**c**i**o**n**a**i**

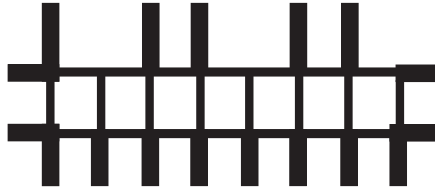
Ah!!! A palavra que a mãe tinha usado à tarde... Como se não bastasse, como se essa não fosse já uma enorme coincidência que o tolo do sonho o fazia experimentar, aparecem-lhe mais meia-dúzia de letras e um c repetido, baralhadas nessa ideia, a piscar como se quisessem ser palavra, o tal **c** por duas vezes, mais um **i**, um **l**, um **a**, um **r** e um **u**, um mistério, era o que era ou seria “crucial”? – “Ouvi isto num filme de animação”, disse o Antó-

nio a sonhar ao António quase despertado enquanto se via a saltaricar ao longo de uma enorme muralha de uma fortaleza desconhecida (seria também de Lego, como o tal filme?).

Parecia que estava a fazer uma ronda importantíssima: andava, lá no alto, naquele passeio estreitinho chamado adarve... e, de repente, estanca.



Está visto! Quem é que, a sonhar, usa uma palavra tão esquisita como esta: “adarve”?

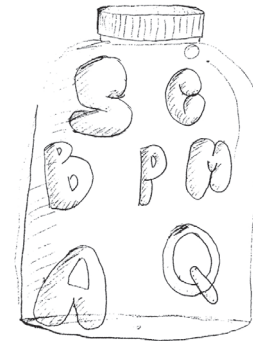


Começa com “a”, é acertado, mas não é habitual. Chega a ser esquisito, como se fosse uma mensagem.

Agita-se e enquanto acorda, assume que vai colecionar letras.

Não, não vão ser letras só, vão ser Palavras!

– Vou colecionar Palavras! – Gritou, bem alto, o António. E... acordou.



Amizade foi a primeira palavra que pareceu querer ser colecionada:

A Anita, amiga de sempre do António, vinha lanchar lá a casa nesse dia. Tinha de ser a primeira pessoa a conhecer este projeto! Conhecemos imensas pessoas ao longo da nossa vida, é certo, mas só pessoas especiais são as nossas amigas. A Amizade é essa impressão de se estar sempre acompanhado mesmo quando estamos sózinhos em algum lugar. Amigos e amigas são essas pessoas que vêm logo ter connosco quando têm um brinquedo novo para usar, quando pensam numa maluquice boa para se fazer, quando... é verdade, quando estão tristes e precisam de um abraço. Ou quando somos nós que estamos tristes e nos faria toda a diferença poder contar dessa tristeza.

Amizade é também essa coisa que se sente quando se quer contar qualquer acontecimento mesmo, mesmo, mesmo importante para nós! ... E sabemos que ainda será mais incrível se se partilhar com alguém. Como agora, exatamante!

Anacronismo é uma palavra esquisita à brava e tem um sentido giro, olhem só:

– Anita, anda até aqui... – chamou o António, assim que viu a amiga a entrar lá em casa. Estava desejoso de lhe falar da sua nova atividade e ia começar precisamente com uma ideia que o intrigava há muito, muito tempo. Uma coisa relacionada mesmo com o tempo.

Um **a-n-a-c-r-o-n-i-s-m-o**! Tinha ouvido isso não sabia bem quando, mas sabia que era qualquer coisa relacionada com uma figura de uma série de ficção científica que a mãe contava que via quando era miúda.

– Espera lá, disse-lhe a Anita (esticando um dedo de cada vez que enumerava qualquer coisa), falar de tempo, de coisa esquisita, de ficção e das nossas mães ainda miúdas é logo uma coisa estranha. Não te custa imaginar a tua mãe miúda? Eu, às vezes, nem acredito bem que sou eu nas fotografias de mim bebé quanto mais a minha mãe mais nova que eu...

O António riu-se. Era isso, quase precisamente, que queria dizer quando pensou que a tal palavra devia fazer parte das suas escolhidas! Começou a contar que a mãe dizia que achava que 1999 (seria o nome da tal série) era um ano muito longe, muito distante... mas, na verdade, agora que estamos em 2025, a mãe passava a vida a dizer que 1999 já tinha sido há muito, muito tempo, “numa outra vida”, costumava acrescentar. Disse o António

– Eu cá não sei, mas em 1999 nem me parece que já houvesse televisão com series assim, a mãe diz sempre que quando era miúda a televisão até fechava... não achas isto muito estranho, Anita?

A amiga concordou. Alguma coisa não batia certo naqueles tempos, como se uma coisa não fizesse sentido áquela época. Um **Anacronismo**, lá está!

Isso fê-la lembrar de uma outra palavra, também estranha como tudo! Uma palavra que tem a ver com saber se um certo autor é mesmo o criador da ‘coisa’, do ‘assunto’, da ‘história que se conta’ ou se a própria história que se conta terá interesse ou nem por isso... é uma palavra que tem 8 letras e parece combinar com um animal mitológico, dizia a Anita que não se lembrava bem como pronunciá-la. O António perguntou-lhe

– Mas como é que tu sabes o número de letras que tem e não te lembras do que é???

Boa pergunta, respondeu-lhe a menina, mas só sei isso porque quando a ouvi pela primeira vez estava o meu avô a fazer palavras cruzadas e esse era um dos dados!

Acho que combina ou rima com Grifo – Acrescentou – ou a mim faz lembrar. Acho eu...

O António até ficou roxo de curiosidade... ele gostava de animais mitológicos, está bem de ver. Mas isso de rimas e animais esquisitoides não ia resolver a intriga da tal palavra que falava da

originalidade das ideias ou da autoria duvidosa delas. O melhor seria perguntar à mãe... ou telefonar ao meu avô, disse a Anita. Assim fizeram e o avô fartou-se de falar antes de dizer a tal palavra. Os adultos falam sempre um bocado demais, quando contam coisas de que gostam, não acham? Afinal, a palavra era mesmo rara na nossa comunicação, pensou o jovem coleccionador: Apócrifo.

Apócrifo – não se considera devidamente inspirado ou não é do autor a que se atribui. Dizia, mais ou menos assim, o dicionário... Ah!! Por isso é que, às vezes, aparecia num ou outro livro a nota “contos apócrifos”, pensou o António. Entendi! – disse de si para si mesmo.



Bestial

ui... ainda só vamos com duas palavras na coleção e já sabemos que começam ambas por a. São pouco usadas na comunicação, mas devem ser bem comuns na vida, não achas, Anita? Oh... “Anita”! “Anita” também começa com a.

E António, disse a amiga. – Tu também tens um nome em a.

– Bestial! – Respondeu o colecionador. Nem me tinha apercebido disso!

Assim, sem mais nem menos, num repente, saltava das palavras em a para uma começada com b – “Bestial!”

Uma expressão de contentamento, alguma surpresa, ou referência a uma certa animalidade estava contida nessa palavra. Que sorte, era logo uma palavra que podia conter sentidos tão distintos... como “Brutal!” – Algumas pessoas, quando espantadas com qualquer coisa que lhes pareça impressionante, às vezes, deixam escapar essa ideia, dizem:

– Brutal!!! com três pontos de exclamação.

Mas brutal ou bestial, na raiz, devem ter a ver com uma impressão ou um acontecimento, um gesto ou ação não tão boa, ou tão suave ou sequer serena. Tudo depende da escolha de quem usa as palavras, de quem comunica. E de quem ouve as palavras ou recebe essa comunicação,

acrescentou a Anita ao ouvir a explicação do seu amigo e já a imaginar meia dúzia de pessoas que não entenderiam o lado bestial desta conversa, nem a aventura brutal que podia vir a ser a coleção que assim começava.

Bambúrrio (por feliz acaso)

Até para descobrir pessoas que nos compreendem é preciso alguma sorte, pensava a Anita com os seus botões...

Mas o António, que devia ter ouvidos mágicos, capazes de captar pensamentos pela expressão de quem os produzia (quer dizer, ou isso, ou conhecia mesmo bem a sua amiga) disse:

– Olha, isso da sorte ou dos felizes acasos também tem uma palavra, é bambúrrio. É ou não é uma palavra esquisitóide à brava? Bambúrrio... parece Bambi de burro, Bambi amuado... mas é exatamente o contrário, é feliz. É feliz acaso!

Pode ser como dizes, ripostou a Anita, mas nisto da amizade até para dar com um bom acaso é preciso estar atenta!

Coragem

Pois eu acho que para encontrar as pessoas que nos entendem não é preciso sorte. Continuou a Anita – Penso que é preciso é coragem!

– Coragem??? – Coragem? Como, se é para uma coisa boa assim? – Admirou-se o amigo.

A Anita parecia uma pessoa crescida enquanto explicava a sua ideia. Disse que é importante trabalhar em conjunto para se estar com pessoas e, para conhecer mesmo bem algumas pessoas, isso implica coragem – para perceber como elas pensam, como elas entendem as coisas, quase trocar de lugar com elas para ver tudo como elas vêem... ou, pelo menos, tentar bem. – Então o António pensou – Isso de mudar de lugar para ver com os olhos dos outros era uma coisa que a mãe passava a vida a dizer que era crucial!

Ora... querem lá ver?! Mais uma. Mais uma palavra, agora com c: Crucial!



Crucial

Qualquer coisa que é tão importante que tem mesmo que acontecer. Ou que temos mesmo que fazer, não achas, Anita? – Perguntou o António. No filme Lego, essa coisa ligada à palavra “crucial” tentava mostrar isto de haver coisas fundamentais na vida. A Anita continuou a ideia

dizendo que ter pessoas amigas é algo decisivo. Essencial.

Pararam um instante a pensar... subitamente, as palavras usadas tinham saltado do “c” para outras começadas com “d” e “e”, parecia que o raciocínio tinha percebido as instruções da coleção. Resolveram continuar.

Qualquer coisa decisiva há-de ser coisa essencial, ou não? Mais um desafio!

Desafiante

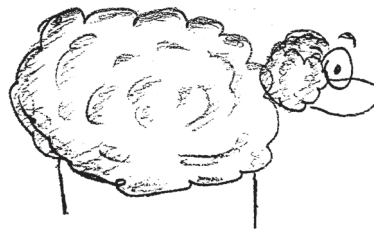
Há quem diga que a criança só colabora em atividades que sejam desafiantes no ponto certo. Ora se cada criança tem o seu ritmo para aprender as coisas todas da vida, e se a sua vida se apresenta demasiado planeada: perde a piada. Se, por outro lado, for completamente incerta, mete medo... A vida, ela mesma, é um desafio!

A mãe chamou. Era hora do lanche. – Vocês sabem que estar bem alimentado é essencial, certo?! Disse.

Empáfia – atitude de orgulho ou superioridade injustificada - arrogância - soberba - presunção
- Desumilde

Sem qualquer empáfia, lá estava a salada de frutas e o sumo, o bolo de maçã e as nozes e avelãs. Estes lanches eram uma festa e a mãe, muito simplesmente explicava que gostava de preparar refeições pequenas, mas coloridas, rápidas, mas saborosas. Tinha um prazer especial nisso e, ainda que a mesa parecesse saída de um livro para visitas ou de uma campanha para publicitar alguma coisa, não havia pingo de Vaidade naquilo. Só sabores perfeitos.

Na conversa, enquanto comiam, a Anita começou a relatar mais um dos sarilhos da ovelha que sempre que podia se escapulia da quinta da Tia Júlia e aparecia na rua ou no jardim do fundo do quarteirão em que viviam.



Desta vez, a tola, parecia ter planeado um modo de assustar os melros que costumavam passear por entre as flores. Claro que gorducha e desajeitada como era, ao saltar, não só falhou os pássaros como ainda se estatelou no passeio, pregando um valente susto a quem, naquele instante, ali passava.

– Só podia, riu-se o António, não é por acaso que essa reguila se chama Estultícia!

Estultícia – qualidade de uma asneira ou coisa imbecil. Tolice.



Puseram-se para ali a imaginar o que seria se, de um salto, a ovelha matreira tivesse mesmo apanhado um pássaro, ou se o bando de melros se tivesse virado a ela. Fariam uma opereta zangada? Compreenderiam as palavras que usassem? Os animais, se conversarem uns com os outros, usarão mesmo palavras?

Formidável – espantoso, excelente, fantástico, maravilhoso; muito grande; temeroso

Formidável seria conseguir compreender uma conversa dessas. Pensava o António.

– Formidável seria a sinfonia que melros e outros pássaros, ovelhas e outros animais engraçados fariam se se juntassem todos aqui na rua! – imaginava a amiga.

O António estava atordoado: então não era que tinham usado exatamente a mesma palavra? Ele a pensá-la, a amiga a pronunciá-la.

Com franqueza, Anita – disse ele – parece que temos o pensamento sintonizado!

Franqueza – qualidade de quem revela o que pensa de forma verdadeira, sem rodeios; qualidade de quem gosta de dar.

Genial – brilhante; grande talento

Genial! – disse a amiga muito alto – parece mesmo que quando começamos a compor histórias as nossas imaginações se combinam e ficam mais fortes.

– E mais tolas, acrescentou ele. Depois continuou, estava intrigado – diz-me uma coisa, a Estultícia andava por ali à solta outra vez, era? Tenho algum medo de que, um destes dias, alguém tenha uma atitude menos boa... às vezes já a tenho visto a roer flores de alguns jardins... corre o risco de um vizinho meio nervoso vir a ter algum gesto hostil com ela...

– Tens razão – continuou a menina – podíamos fazer qualquer coisa para prevenir isso, não achas?

Hostil – adverso; inimigo; desagradável; má vontade; ameaçador

Não sabiam como, mas propunham-se agora resolver o problema de uma criatura que dificilmente os iria compreender e sabiam que não tinham sequer ideia de como haveriam de se fazer entender...

Idade – tempo de vida; duração; época da vida; época histórica

Se quisessem criar um movimento para promover o cuidado com os animais, logo lhes diriam que não tinham idade para isso. Nisto, apareceu a irmã mais velha da Anita, vinha buscá-la, estava na hora de ir para casa.

Abraços trocados e lá foram elas.

O António ficou a dar voltas ao miolo imaginando uma ovelha matreira aos saltos no meio da cidade e um bando divertido de pássaros a esvoaçar por entre os pedaços de lã que dela se desprendiam.

Lã a cair de uma ovelha tinha de significar que um lobo grande, enorme e feroz se tinha juntado à cena.

Um lobo trapalhão, mas um tipo mesmo muito grande e com ar furioso...

– Imane, queres dizer. Brincou a mãe que parecia ler o pensamento.

O quê? Ima-quê? – perguntou.

Imane – muito grande; desmedido; feroz

Explicou a mãe, como se fosse um dicionário. Como se não bastasse, ainda perguntou se o António sabia outra palavra, com som e escrita muito parecida e com sentido bastante diferente. Cinco letras, só trocando uma delas... o “m” a perder uma perna e a transformar-se em “n” e a nova palavra esquisita será:

Inane – que não contém nada no interior; vazio; oco; vão; baldio; fútil (em sentido figurado)

Oh! – exclamou. Se o lobo engolissem a ovelha, como quer fazer, por exemplo, na história dos três porquinhos, ou como acontece no Capuchinho Vermelho (ou o Chapeuzinho Vermelho), não ficaria nada vazio...

Verdade, seria então um barrigudo.

Essas histórias são muito estranhas, não achas, mãe? São apresentadas como contos para crianças, mas não percebo muito bem o que se ganha com elas, quer dizer, o que se apren-

de... a ter medo. Será?

Ou a brincar com uma realidade inesperada, não? – Contrapôs a mãe... Um lobo que é tão tolo que é enganado pelos porquinhos acaba por ser divertido, ou quando finge que é a vovó da Capuchinho/Chapeuzinho, é muito ridículo imaginar essa figura ou, não é?

Ainda que me pareça bem essa tua ideia, de que as histórias são um bocado assustadoras, que metem medo, têm momentos muito palermas lá pelo meio, como se fizessem aliviar o tema principal. – Continuava, até que o menino a interrompeu:

Há alguma palavra que signifique engraçado ou trocista, mas que não seja muito habitual?

Há. Disse a mãe. Talvez até haja várias, mas lembrei-me logo de uma que me soa sempre a brincadeira: Jocososo.

Jocososo – que provoca riso; divertido; engraçado; trocista

Alguma coisa que provoca riso, mas que venha de uma situação muito tensa pode ser, por exemplo, alguma cena do filme do Panda, o Panda do Kung-Fu! – riu o António.

Kung-Fu – arte marcial chinesa, parecida com o Karaté

Que curioso, pensou, passámos de palavras na letra “J” para esta com “K”, que é mesmo uma

sequência perfeita no alfabeto. Ou melhor, logo duas palavras em “K”, o Kung-Fu e o Karaté, modalidades a que chamamos arte, arte marcial chinesa... Eu até gostaria de aprender a escrever com os caracteres chineses, parecem desenhos. Deve ser complicado, muito complicado.... Aprender novas línguas é um desafio.

Olha! Língua! É mais uma palavra com a inicial de que precisava aqui. Ainda por cima, é uma palavra com muitos sentidos. Tantos sentidos que até faz parte do nome de um biscoito: língua-de-gato! Parece-me que estou com fome. É capaz de ser quase hora de comer um petisco, mas ainda não é o momento para palavras em “p”, por isso vou continuar no “L” de Língua Longínqua!

Língua – órgão da cavidade bucal de muitos animais, nos humanos, importante para a fala e a apreciação de sabores;

Mas uma Língua é também um conjunto organizado de palavras e regras gramaticais, partilhada pelos membros de uma dada comunidade; um idioma.

Ou ainda... um peixe! Sim, Língua é o nome dado a um peixe espalmado, achatado, alongado, pode até ter 30 cm de comprimento.

Não sei se alguma vez vi um peixe assim, mas até fiquei com vontade de o desenhar. Pensou o Garoto.

Como é que da ideia de aprender outros idiomas vim parar às folhas de desenho a traçar um peixe esquisito é que é um dos mistérios da minha cabeça. Ia pensando, ao mesmo tempo que rabiscava uma figurinha num mar longínquo. Como é a China, quando pensamos a partir do nosso lugar no mapa do mundo. Um país distante, distante...

Longínquo – que fica longe; distante; afastado. Remoto – se afastado no tempo.

Mais uma vez, fomos parar a uma palavra com sentidos diferentes, a obrigar-nos a conhecer o contexto para perceber o que significam. Qualquer coisa que está distante de nós no espaço faz-nos mexer para a alcançarmos, se assim quisermos (ou se fizer sentido, parecia que dizia o silêncio à volta dele), mas alguma coisa que está distante de nós no tempo, por exemplo, quando eramos bebés acabados de nascer, já não é coisa alcançável. Fica só na memória.

- Oh mãe!! Oh mãe... – Chamou a António.
- Diz, amiguinho, o que se passa? – Vinha já a perguntar.
- Lembras-te de quando eu era muito pequeno? Isso é uma memória longínqua? – Perguntou.
- Ah ah ah... – riu-se a mãe – longínqua, longínqua, não será, que tu ainda és muito jovenzinho,

mas sim, já não é uma lembrança muito, muito recente. O que é que te levou a esta pergunta?

- Bom – Começou – Estava a pensar nos significados da palavra e, a mim, parece que o tempo em que nem falava, não podia compreender sequer esta conversa, seria algures num momento muito distante do agora. Por exemplo, como é que começamos a usar palavras sem saber o sentido delas e, mais tarde, percebemos que há tantas com tantos significados?

O António estava intrigado e, de pergunta em pergunta, continuaram a elaborar uma teoria sobre como as crianças aprendem a falar, como compreendem novas palavras, como se desenvolvem, afinal.

Fazer perguntas era um hábito bom ali em casa. Às vezes até perguntas sobre o óbvio, outras vezes (muitas vezes) perguntas para as quais não havia respostas fáceis.

A verdade é que saber perguntar é muito importante. Tanto que até houve um filósofo que tinha como hábito perguntar muito e sempre que tinha uma resposta, perguntar mais ainda. Como um método. Chamava-se Sócrates e o seu processo de levar as pessoas a pensar sobre o pensar ainda nos nossos dias é ensinado. É a Maiêutica. Uma boa palavra começada por “m” , não é?

Maiêutica - multiplicar perguntas: método socrático

Realmente, se nos dedicarmos a pensar sobre as coisas todas da vida, aprendemos mais e tornamo-nos gente curiosa. Ou será que é preciso ser pessoa curiosa logo à partida para procurar saber mais de todas as coisas?

Talvez não interesse muito o que começa o quê, como a conversa da dúvida eterna: “quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?” Se calhar até há já uma resposta para isto, ainda não sei...

Agora o que me preocupa é isto de ser curioso sobre as coisas da vida e manter a curiosidade. Pensava o Garotinho.

Não gosto nada de me sentir perdido... mas às vezes temos que nos perder na informação para procurar os dados corretos e confirmar se estamos a pensar bem, não é verdade? Andava um bocado zangado com as conversas acerca de tanta desinformação, de tanta gente a recusar pensar bem e recusar pôr em causa certezas pouco “certas”, quer dizer, certezas que não são mesmo confirmadas se se tiver atenção aos factos. Talvez por falta de atenção. Ou por terem preguiça.

Oh mãe!! – Chamou, de novo – Preciso de ligar ao avô.

Assim fizeram. (E sim, se estavam a pensar que o avô da Anita é que gostava de palavras, fiquem a saber que os avôs, provavelmente, gostarão todos desses jogos. O do António é desses, também!) O avô era uma fera das palavras cruzadas e havia um nome que ele costumava chamar a pessoas na televisão, sempre que sabia que estavam a dizer coisas sem sentido. Como seria essa palavra, não me consigo lembrar bem, pensava ele enquanto marcava o número no telefone.

Néscio. Néscio. – Respondeu o avô assim que ouviu o início da dúvida do neto. Depois riu e acrescentou que não estava a chamar-lhe nomes, estava só a dar-lhe a resposta.

Claro que se fartaram de rir com isso e acabaram a falar de um montão de outras coisas, tanto que o António nem deu pelo tempo a passar e, daí a pouco, estava na hora de ir dormir.

Néscio – que não sabe ou não é muito inteligente; ignorante; que não é sensato; irresponsável.

Uma vez, estava zangado, e chamei “Névio” a um colega no pré-escolar disse, no sonho do António, o António ao António. Estavam, estes Antónios todos, num lugar que parecia saído de uma feira de diversões. Se se deslocassem, havia reflexos por todo o lado, como se aparecessem muitas pessoas, mas todas quase iguais à inicial. Um lugar arredondado, um espelho como aqueles que deformam as figuras e as figuras são ora esguias, ora atarracadas, ora disformes, ora iguaizinhas ao original. Parou em frente a um desses lados que esticavam o pescoço lá muito

para cima, as pernas pareciam desaparecer e a barriga ficava saliente. Era como se voltasse à história do lobo a engolir tudo que lhe aparecesse pela frente, mas agora o lobo era ele. Que ideia mais parva, fazer do pobre bicho sempre o mau-da-fita. Pensou enquanto dormia... Talvez não seja bem pensar enquanto se dorme, talvez seja só arrumar ideias. Como agora. Seria?

Lembrar esta situação do pré-escolar, que o fez recordar a tal palavra pouco usual do avô em frente à televisão, irritado com alguma conversa, podia ser um modo de recuperar subitamente a forma correta: Néscio, mas porquê num lugar daqueles, com espelhos convexos?

Entendi! – Saltou o António na cama e... acordou.



Obtuso – que é arredondado; rombo; rude; confuso; inepto; a que falta inteligência.

Ser um tipo obtuso significa ter falta de perspicácia (e aqui está uma palavra com “p” logo a seguir a uma em “o”!), mas também ter falta de sensibilidade, ser rude, confuso ou obscuro. Pois é isso mesmo. Num desenho, um ângulo obtuso parece que deixou de ser uma esquina, mas não se decide a ser uma reta. Que pateta, esta conclusão geométrica, riu-se por dentro o António.

Perspicácia – argúcia; sagacidade.

Estava na hora de tomar um belo pequeno-almoço, hora de café da manhã é sempre um tempo de remédio para o apetite depois de uma boa noite de sono.

Um bom remédio e não uma asneirola que finge salvar a situação, diziam-lhe desde que se lembrava de ser gente. Ainda instantes antes tinha usado a palavra “perspicácia” e já lhe fugia o pensamento para outra, a “panaceia”. Pois, que de cada vez que se falava em remédios, sempre havia gente a acreditar em tretas que, não fazendo bem nem mal (às vezes), também não resolviam coisa nenhuma.

Panaceia - pretendo remédio para qualquer mal; planta imaginária com a virtude de curar todos

os males.

Resolveu ficar um bocadinho mais na cama a ponderar isto de três palavras todas com a inicial “p”, de perspicácia passou a panaceia e desta palavra começou a pensar na patifaria que era enganar pessoas com engodos em vez de soluções. Gostava da palavra, mas podia ter significados demasiado graves... uma patifaria de gente grande seria uma coisa perigosa, enquanto que uma patifaria de crianças podia muito bem ser uma travessura, resolveu por aí esta contenda de vocabulário.

Talvez especialmente porque na sua imaginação começara a aparecer uma fila de garotinhos nas saídas noturnas da data de “doçura ou travessura”, um hábito que não sabia exatamente de onde vinha e que tinha um nome diferente de quando as pessoas da sua família, bem mais velhas, brincavam ao mesmo. Achava que era qualquer coisa como “bolinhos e bolinhós” e que até havia uma canção para apresentar em cada casa onde se fosse bater à porta. Tinha de averiguar essa tradição. Já agora, pensou ainda, talvez tivesse até que fazer uma coleção de brincadeiras tradicionais... talvez um dia. Estava na hora de levantar. Upa!

Patifaria – uma canalhice; vilania; partida; travessura; maroteira.

Perfeito – exemplar; belo; que tem todas as características adequadas a alguma finalidade.

Era domingo e estava uma manhã radiosa, um sol perfeito, uma luz mesmo bonita.

Gostava de fins-de-semana e gostava mais ainda quando o tempo parecia convidar a ficar feliz. Assim, como aquela manhã se apresentava. Perfeita! Oh pah, pensou, mais uma palavra em “p” – e riu-se para dentro. Sentia a imaginação a fugir para qualquer coisa que tinha ouvido em tempos acerca de números, números perfeitos... não se lembrava exatamente. Ia perguntar à mãe.

- Oh mãe.... – Saltou da cama a correr. – Bom dia! Por favor, explica-me outra vez, há ou não há qualquer coisa sobre “números perfeitos”? Estou com fome! – e sentou-se à mesa, a começar a trincar devagarinho uma torrada com queijo creme.

Bom dia, bom dia, a quem acorda com questões inesperadas! – Cumprimentou a mãe enquanto lhe desfazia o despenteado de quem acaba de acordar. – Primeiro lavar a cara e acordar completamente, depois conversas matemáticas, combinado?

(**números perfeitos** – um número igual à soma dos seus divisores, excluído ele mesmo, claro. Por exemplo: 6; 28; 496; 8128...)

Enquanto retomava o pequeno-almoço e a mãe tomava um café quentinho, ficou um pouco em silêncio a imaginar isso da perfeição... não devia ser nada fácil achar os tais números que abraçam os seus divisores, o primeiro deles de um só dígito, o seguinte de dois, o terceiro com três,

o quarto com quatro algarismos... seria que o quinto e por aí fora seguiriam esta regra? A mãe – Ora esta, parecia que lia pensamentos – disse: Não, não te ponhas para aí com conjecturas meio loucas, só me lembro daqueles 4 primeiros casos e porque encontrei um modo de me recordar sempre deles.

A sério? Como fizeste? Perguntou.

Repara, começou a mãe: o 6 e depois o 28, certo? 2 para 8 é?... 6! Fácil, estes dois. Depois, 496 termina como começámos, com 6 e o início é o dobro de 2 e o do meio o que vem a seguir ao 8... O António abanou a cabeça! Epera, espera, espera... disse ele. Nem quero pensar nisso agora, uff... parece-me divertido esse jogo de ligações, mas como paraste no quarto caso a minha cabeça viajou para essa palavra: Quatro, quarto, quadra. Hoje é dia para arrancar com a letra “q” e aqui estava ela.

Foi a vez de a mãe abanar a cabeça. Lá ia ele de volta à coleção de palavras. Bom, o fim-de-semana já ia adiantado. Será que conseguiria terminar antes de ser tempo de voltar à escola?

Quadra – terreno em forma de quadrado (outra vez a matemática, querem lá ver?); série de quatro; estrofe de quatro versos; estação do ano; tempo ou época; quarteirão; campo de jogos...

Um campo de jogos, num dia bonito de uma estação do ano luminosa, um grupo de pássaros a formar um quadrado, podia imaginar isto tudo ao mesmo tempo só de espreitar para a rua através da janela da cozinha. Também podia transformar a palavra com final em “o” e ficava quadro. Quadro como obra de arte ou quadro como registo de informações ou... ui... era só domingo e ainda pela manhã e já tinha ido parar à ideia de quadro da escola, querem lá ver? Resolveu mudar de ideias.

Aproveitar os tempos de sossego sem tarefas recomendadas não era coisa que se pudesse desperdiçar. Decidiu.

Resolveu não pensar mais em palavras. A letra “q” tinha gerado uma querela interna. Ai, ora esta, então não é que parece que fiquei preso nesta letra? Quem é que pensa em “querela” em vez de... em vez de... queixume... ai, ai ai... que se passa comigo? Preciso de arranjar qualquer coisa...

Qualquer!!! Outra vez! Que é isto, pareço preso neste registo de letras!
Registo! Registo começa com “r”. Salvo! Aha!! Salvo é com “s”. Riu-se e resolveu regar ideias.
Raras. Ideias raras como pedras preciosas que se guardam para combinar com os amigos.

Regar ideias pareceu-lhe em si mesma uma bela possibilidade. Ideias únicas têm de ser bem

hidratadas para crescer como flores. Girassóis, já que o dia estava solarengo.

Como é que lhe tinha dado esta conversa interna para o lado da rega é que ele não percebia bem, mas talvez a palavra de partida tivesse alguma coisa a ver com isso. Seria? Resolveu pegar no dicionário e... qual não foi o espanto, de facto, dizia assim:

Rara – que existe em pouca quantidade; invulgar; extraordinário; singular; peça de regador que se adapta ao cano para espalhar a água.

Sentiu-se “radioso”! Surgiu-lhe no rosto um sorriso “resplandecente”.

Radioso – que imite raios de luz ou calor; brilhante; luminoso; que revela grande entusiasmo; alegre; contente; muito bonito

Resplandecente – muito brilhante; que imite luz

Começava assim o segundo dia de fim-de-semana com a impressão de aventura bem-sucedida. Ainda mal a manhã tinha arrancado e ele já se tinha visto em apuros, preso entre palavras que não saiam da letra “q”, para se ver a tropeçar nas letras seguintes que teriam aparecido sem capa de super-heróis, mas com ganas de o transportar para o caminho de escavador de signifi-

cados guardados em termos pouco habituais.

Decidiu que, na verdade, as palavras lhe pareciam sempre coisas capazes de ganhar asas e salvar situações: bem sabia que há palavras boas e são capazes de nos abraçar, mas também as há duras, que ferem e devemos mesmo evitar. Não gostava especialmente da ideia de heróis ou coisas salvadoras... olha, estancou, estou a pensar em palavras com “s”! Palavras salvíficas!

Salvífica – que salva

Tinha acabado de se lembrar que não gostava muito das histórias de heróis, às vezes até se divertia com alguns episódios de algumas figuras que aparecem como que por magia e conseguem resolver os problemas todos como se só assim as coisas ficassem bem. Ficou, por instantes, a matutar sobre por que não apreciava isso dos heróis... talvez porque todos viviam em segredo? Ah! Segredo! Segredo! Mais uma das palavras de que preciso.

Segredo – que não se deve dizer; que não se divulga; sigilo; coisa oculta; mistério; confiança; meio especial para atingir um fim; mistério...

Compreendia bem a ideia de mistério e até gostava de pensar que há coisas a manter em segredo: como quando preparamos um bom presente para alguém e precisamos de manter isso em

suspenso até ao instante em que se deve revelar. Mas não gostava nada da ideia de segredos que podiam ser coisas difíceis ou capazes de magoar alguém... sim, por exemplo, naquelas situações em que alguém faz alguma pafitaria e pede segredo para não ser apanhado. Ou alguém sofre uma injustiça e, por medo ou vergonha, prefere não ter de contar isso... definitivamente, não gostava de segredos. A haver deles, só dos bons. Dos que se revelam daí a pouco e são de festa!

Caramba. Nem queria pensar mais nisso.

Como é que se ensinam as crianças a guardar segredo se isso pode po-las em perigo? Pensava...

Ainda por cima, fala-se disso de “guardar segredos” como uma coisa espetacular, como se a criança fosse crescida. Não lhe parecia isto nada bem. Estava a braços com uma dúvida profunda. Um aparente engano do pensamento, seria?

Um... sofisma?

Sofisma – erro de pensamento (quando deliberadamente se empregam argumentos falsos com aparência de verdadeiros); Falácia; Engodo

Não, não era um sofisma. Este ponto dos segredos tinha de ser conversado um destes dias, mas como que por sortilégio, um raio de sol incandesceu os seus olhos: andava a Estultícia, de novo, aos saltos no jardim do outro lado da rua. Tinha de ir ver onde se esconderiam os pássaros. Sim,

se a ovelha por ali andava, certamente a passarada tê-la-ia chamado.

Sortilégio – feitiço; encantamento; artifício que desperta fascínio; trama

Voltou a lembrar-se da ideia de animais a conversar entre si. Seria uma coisa mágica, compreender o que dissessem. Tinha um enorme fascínio por animais e histórias. Haveria alguma coisa mais incrível do que perceber bem como pensam? Em que pensam? Se conseguisse trans-

formar-se num qualquer bicharoco que entendesse todas as línguas faladas por todos os animais, aí estava o absoluto sortilégio: Pliim!

Terra – planeta do sistema solar; parte sólida da superfície terrestre; parte do solo que se cultiva; localidade; região; propriedade; fazenda; campo; cor ou pigmento; solo condutor de potencial elétrico nulo.



Saltar na terra, flutuar num rio, chapinhar na lama, correr por montes e vales, encontrar coelhos e cigarras, grilos e falcões, araras e minhocas. Escavar um túnel e tropeçar num formigueiro que, surpreendido, desataria a fugir para todo

o lado ou, pelo contrário, treparia pelas suas pernas a provocar cócegas e mais cócegas que o haviam de fazer rebolar a rir.

Habitar este planeta e poder apreciar as maravilhas da Terra faz-nos perceber que é nosso dever proteger as suas coisas todas. Do solo ao ar, do mar aos diversos habitantes que por aqui nascem e crescem desde há tantos tantos milhares de anos...

Apesar de podermos ser mais pequeninos que um grão de areia nisso que é o sistema solar, ou isso que é o universo, a nossa existência é mais cheia ainda que os significados desta palavra. Terra, o planeta. Ou terra em que se vive. Ou terra, da cor do barro, da cor da areia do mar, da cor do solo em que se semeiam frutas. Terra que é campo, uma fazenda, uma região.

Até a ideia de ligação elétrica, de fios de terra para evitar choques. Uma palavra entusiasmante com inicial em “t”.

Estava para ali tão sossegado, tão envolvido nos seus pensamentos, que nem reparou na fuga da ovelha que invade jardins, nem num bando de melros que esvoaçaram num frenesim. Na verdade, nem se apercebeu que o avô se estava a aproximar tentando não o assustar.

O avô percebia muito bem como era estar embrenhado em ideias únicas e, acreditava, sempre

relacionadas com um qualquer projeto radical, sublime, raro, bestial. O avô achava sempre que o neto tinha ideias incríveis, mesmo quando começavam de uma coisica simples tornavam-se, invariavelmente, projetos desafiantes. Para o avô, o António andava sempre envolvido em planos transcendentais!

Transcendente – especial; sublime; superior; eminente; metafísico; numenal.

Era mesmo um garotinho curioso.

Gostava de coisas que todas as crianças gostam: brincar, brincar, brincar. E aprender muito sobre tudo. Aprender à sua maneira, aprender no seu ritmo (de preferência).

Gostava de gostar de tudo que podia ser início de novas curiosidades. O Avô vinha intrigado: tinham ligado no dia anterior com uma dúvida sobre uma palavra, haveria algo mais interessante do que isso? Era um avô normalmente mergulhado em palavras, tinha, por isso, de vir saber mais...

Quando o viu, o António saltou para dentro do abraço.

Fizeram uma festa de reencontro como se não se vissem há meses, quando, na verdade, estavam juntos quase todos os dias. É assim quando se gosta muito de alguma pessoa.

O avô vinha para saber da coleção.

Começaram a conversar, andaram, de palavra em palavra, até essa ideia de estado sublime que a palavra transcendente continha. Nesse ponto o avô, que gostava de coisas que preparassem a ação, ficou um pouco mais pensativo. Talvez estivesse a ponderar se o que queria propor faria sentido para um garotinho tão jovem. Arriscou:

António – ui, pensou ele, a usar o meu nome neste tom tão grave, é capaz de vir aí qualquer coisa séria – consegues imaginar um mundo em que todas as pessoas vivessem em equilíbrio, tudo fosse justo e fascinante?

Onde pudéssemos brincar e aprender e crescer e ser felizes todos? – quis saber o António.

Sim, respondeu o avô, onde ninguém passasse fome por não ter o que comer, onde toda a gente tivesse uma moradia digna, onde todas as crianças pudessem ter escola e materiais para tudo compreender. Sim, isso mesmo. Onde animais e a natureza fossem respeitados, onde a harmonia fosse o modo de viver...

Consigo imaginar um lugar assim, consigo. Confirmou o garotinho. Depois perguntou, uma vez que o avô continuava muito sério. – Mas um lugar assim existe? Quero dizer, na minha escola há crianças que não parecem viver felizes e nem sei se terão os materiais todos para as matérias, ou brinquedos... nem sei se as suas famílias são cuidadosas, ou se vivem num lugar confortável e seguro... – Começava a ficar angustiado, notava-se na sua voz e via-se no ar mais fechado do

seu rosto.

O avô tinha de escolher: ou ficava preocupado e arrependia-se de ter colocado aquela questão, ou explicava bem como tinha proposto tal pensamento e encontravam juntos uma solução para aquela situação. Escolheu a segunda alternativa. Era um homem que sabia muito bem o que fazia.

António, voltou a dizer – É isso mesmo, consegues imaginar um mundo justo e imaginar um lugar bom para todas as criaturas, mas esse cenário é (ainda!) um sítio só de fantasia... mas sabes que já foi “inventado”?

O menino abriu muito os seus grandes olhos castanhos. De verdade, avô? – De verdade. Respondeu o avô. Podemos imaginar tudo. Todas as coisas boas e justas, dignas e incríveis. Construir esse tipo de mundo é que custa muito, parece... – Explicou.

Mas, então, que lugar é esse, avô?

Utopia – ideal de justiça; perfeição inatingível; quimera; fantasia; ilha imaginária idealizada por Thomas More (1477 – 1535)

Chamou-se Utopia. Uma ilha imaginada por Thomas More, um homem que viveu no século XV em Inglaterra e, já nesse tempo, acreditava que era importante educar meninos e meninas, sem

distinção. Todas as crianças deviam ser apoiadas a crescer num mundo justo. Utopia seria esse lugar desejado que implicaria que toda a gente se comprometesse com o projeto de ser mais íntegro, de ser pessoa honesta. Cada pessoa capaz de ser melhor do que, parece, nos acostumámos a considerar que basta fazer para viver.

Avô... começou o António – Tenho a impressão de que para viver num mundo assim seria preciso ser mesmo muito valente!

Valente? – quis perceber – Porque escolhes essa palavra quando pensas num mundo justo? Bom, fiquei a pensar que para construir uma terra assim seria preciso contrariar muitos hábitos de agora. Por exemplo, há pessoas acostumadas a terem muito mais de tudo do que aquilo que precisam, enquanto ao lado há pessoas sem nada; há quem não tenha como conseguir bons cuidados de saúde, enquanto há hospitais que até devem ter camas livres, mas não recebem esses pedidos; Há crianças a ser maltratadas e pessoas de todas as idades também... Sei lá... ainda só sou um miúdo, mas acho mesmo que para mudar as coisas deve ser preciso ser mesmo valente.

Ficaram uns momentos em silêncio.

Valente – que tem coragem; enérgico; pessoa destemida; pessoa notável

De repente, o António perguntou: Oh avô, se esse autor viveu assim há tanto tempo, como é que se sabe a história dele?

Claro que o avô tinha em casa enciclopédias e livros e mais livros onde encontrar essa informação, mas ali onde estavam, só havia uma edição (muito bonita) do tal livro que contava a história da ilha.

Resolveram usar o computador. O António ia pensando... uma vez que já estamos no século XXI, o tempo da internet... esse lugar que também parece ser “lugar nenhum”, mas que guarda quilos, litros, rios, toneladas de informação... – Bem podemos entrar lá e escavar em busca do que nos intriga, não? Como é que se “entrará” na internet?

Ainda mal tinham ligado a máquina, já o avô dizia, vamos lá navegar na web... sabes o que é isso da “rede”, miúdo?

O António sabia. Conhecia a sigla www, significa “rede de alcance mundial”, mas como é reconhecida pelas palavras em inglês, é isso. Parece que rede é web, que “alcança todo o mundo” é wide e “mundo” escreve-se então como world. Era daí o tal www.

Lembrou-se outra vez da ideia de anacronismo, a internet, às vezes, parecia que provocava isso. Naquele momento pensou que a mãe lhe tinha explicado que, no começo, os computadores não conseguiam atingir informação fora deles; depois tiveram acesso a coisas distantes, como se fossem telefones ligados a fios; e agora havia o sistema como o que usavam: ligavam-se a bases de dados de todo o lado sem sequer estar fisicamente conectados a elas. Que espertos!

Aliás... Arregalou os olhos, andam para aí a falar imenso sobre uma coisa incrível, a “inteligência artificial”, que extravagância será essa?

Web – sistema de acesso a uma grande quantidade de informação na internet

Wi-fi – tecnologia sem fios que permite o acesso à internet através de radiofrequência numa determinada área

O avô, que devia ter o mesmo sétimo sentido da mãe e parecia descobrir o que lhe passava pela cabeça, pegou na ideia e disse:

Sabes que não gosto nada desse nome que deram à “coisa”, isso de a “Inteligência” ser apresentada como “artificial” irrita-me um bocadinho.

O António riu-se. Estava convencidíssimo de que o avô só se irritava quando via néscios em debates na televisão, mas deixou-o continuar. Então? – Perguntou.

Escuta, a sigla (vivemos o tempo das siglas, safá!) IA ou AI no inglês (artificial intelligence) põe em aliança duas realidades, (vá... se assim quisermos chamar-lhes) que não são compatíveis. Pelo menos não para mim – ia discorrendo o avô, quase como se estivesse a falar sozinho – se é inteligência tem de ser assente no real, tem de ser atenta aos factos, às circunstâncias. Qual artificial, qual quê, onde já se viu enxovalhar uma característica tão imprescindível quanto esta, trantando-a como se fosse o mesmo que um pudim de pacote?

O António fartou-se de rir. O avô dizia cada tolice.

Como é que alguém passa de pensar em computadores em busca de informações sobre a utopia e, valentemente, se dedica a assumir que inteligência há-de ser coisa especialmente humana, para ir parar em pudins de pacote?

Tinham passado por palavras importantes naquela tarde. Meio a brincar, meio a pensar que nem filósofos, foram do “t” ao “w”, não seriam muitas letras, mas as palavras escolhidas davam muito que pensar.

Como se fazia tarde, resolveram terminar o encontro com um filme que andavam há que tempos a adiar. Por lá, acontecia tudo também numa terra imaginária, o lugar da Matemágica.

A certa altura, por entre árvores de raízes quadradas e figuras geométricas em todas as coisas da natureza, a mãe apareceu na sala.

Estava mesmo a ficar tarde e era preciso saltar para a banheira.

O avô ainda brincou – Aha! É hoje que imitas o Arquimedes e gritas: Eureka! – O quê? Estancou o António. Que palavra tão incrível ali estava. Que é isso, avô, que é isso? – tentou adiar o banho, mas a mãe insistiu e o avô, rindo, levantou-se. Temos de alargar esta tua coleção... Ou combinar outra...

De factos da ciência? Ou de “ditos” ou coisas de autores desconhecidos? Apócrifos, avô, apócrifos – dizia o António enquanto se virava para o quarto de banho e o avô entrava na cozinha.

Não era segredo nenhum que gostava de coisas pouco usuais, mas isto da coleção de palavras parecia estar a correr muito depressa, não tardava, talvez conseguisse reunir pelo menos uma para cada letra do abecedário: tinha começado há menos de 24 horas e já ia na letra número... Em que letra iria? Estava “de molho” no banho e começou a contar pelos dedos, faltava pouco para o alfabeto estar corrido. Onde ia, afinal? A alcançar o... deixa-me ver: a–1, b–2, c–3... j–10,... t–20,...x–24!!!

Parece impossível. No momento em que resolvo contar onde vou, penso nas horas de um dia e atinjo a vigésima quarta letra. Há acasos engraçados e acasos preciosos, como jóias, como pedras raras: Xanto, portanto! Chama-se xanto, uma pedra preciosa agora desconhecida, tinha ouvido falar disso, um dia, enquanto visitava a feira de minerais. Estavam em busca de âmbar e ainda tinha ideia de lhe terem explicado que, em grego, amarelo se diz mais ou menos assim... Como é que já estava a pensar numa outra língua? Sorriu: quando alguma coisa parecia difícil de compreender costumavam dizer “estou a ver-me grego para fazer isto!”. Que tolice, sacudiu a cabeça. Isto é a coleção mais XPTO que podia ter começado – Concluiu.

Xanto – pedra preciosa, hoje desconhecida

Xpto – que se assume como sendo sofisticado; de grande qualidade; muito inovador; (ou o contrário disso tudo)

Concluiu, concluiu não seria bem assim, estava já a dizer à mesa, enquanto finalizavam o jantar.

Tinha ficado parado no “x” por um bom bocado.

Tinha brincado com sombras, continuado um puzzle de tantas peças que parecia nunca termi-

nar, e espreitado os pássaros na rua quando a noite apareceu.

Sentia que lhe faltavam palavras... Na língua portuguesa não parece haver muitas alternativas em algumas letras – Disse ele, explicando a sua inquietação. (inquietação também teria sido uma boa palavra em “i”, parecia dizer-lhe uma voz ao ouvido).

- A seguir ao “x” e antes do “z” há o “y” ou i-grego, como dizem em francês – garcejou a mãe.
- Vamos pensar numa hipótese de palavra enquanto relaxamos, que é boa hora para isso, sim?

Estavam muito tranquilos a organizar a mochila para o dia seguinte e a mãe exclamou: Oh António, sabes uma coisa que se comemora no solstício? – continuou – a 21 de junho, passou a marcar-se o dia do Yoga! Yoga pode escrever-se com “y”, não era a letra que te faltava?

O suspiro de alívio do menino... Nem imaginam. Parecia sereno como é objetivo da data, um dia supra cultural, um dia de paz e harmonia no mundo todo. Um dia para a Paz no mundo todo...

Yoga – mais uma prática com origem longínqua (da Índia); é algo com uma história muito, mesmo muito antiga, terá milhares de anos; tão importante que a ONU definiu um dia consagrado ao

yoga: 21 de junho.

Pensar é uma atividade sem fim – dizia o António ensonado, ao António a tentar não dormir. Sentia a cabeça a vaguear, como se os pensamentos e o sono estivessem a zigue-zaguear dentro dele. Zigue-zaguear... nem sei se a palavra existe, disse, de si para si. Riu suavemente. Acabava de pensar num termo começado por z. Pronto. Podia descansar. Zigue-zaguear...

Quase, quase mesmo a dormir, ainda se deixou levar pela lembrança do gosto especial do avô ao preencher as quadrículas das “palavras cruzadas”... Também queria coleccionar expressões, combinações de palavras, na verdade :) ou provérbios, já tinha ouvido falar de provérbios... Que seria isso, já agora?! E números... Estava quase a arrumar a cabeça quando se lembrou do começo desta aventura de palavras, tinha sido tudo por causa da ligação entre três letras, um “a”, um “c” e um “e”. Como um esboço perfeito, apareceram-lhe num balão imaginário, as letras do alfabeto, organizadas enfileiradas, assim:

a – b – c – d – e – f – ... por ali fora, e ele viu, num repente, que entre a e c ficava o b, que entre c e e escapava o d, como se as letras necessárias para a palavra “aceleradas” tivesse sido desde logo um jogo numérico, um salta-pocinhas, uma armadilha para destravar.

Uma armadilha para destravar era o que desde sempre lhe parecia ser isso de classificar os

números entre pares e ímpares. Uma coleção matemática podia muito bem estar já ali a surgir.

E palavras e números e letras misturadas em números desataram mesmo a dançar, zigue-zague-antes pelo começo do sono. Entre curvas e contra-curvas do adormecimento, viu outra vez uma montanha-russa que parecia um zigue-zague, quase um M, ia chamar pela mãe, para contar da coincidência coberta de chantilly, como no começo desta aventura...

Ah, se não tivesse já escovado os dentes!

E adormeceu.

Zigue-zague – linha quebrada que forma ângulos salientes e reentrantes de modo alternado; modo de andar; tipo de costura; muitas curvas; alteração; variação; sinuosidade; tortuosidade; série de mudanças sucessivas.





BIOGRAFIAS BREVES

ANTÓNIO FERRO MADEIRA

Gosto de música, de desenhar, de palavras e de pensar sobre as coisas da vida. Desde muito joventinho que me interesso por jogos de ideias (dizem-me que o meu avô adorava fazer palavras-cruzadas e que eu pedia significados das mais estranhas), depois comecei a gostar de fazer uns esboços e, ultimamente, o que gosto mesmo é de tocar guitarra. Tenho agora um cachorrinho que me ocupa muito tempo.

Nasci em setembro de 2009. Sou filho da Maria Jorge Ferro.



MARIA JORGE FERRO

Sou a mãe do António. Sou professora da Universidade de Coimbra há 30 anos. Sempre me interessei por palavras e jogos com elas. Desde que me lembro de ser gente que invento histórias a partir das coisas mais banais. Gosto de pensar em diferentes possibilidades para todas as coisas da vida. Também eu, tenho agora um cachorrinho que me ocupa muito tempo.

Nasci em agosto de 1968.





editora
FAMEN



COIMBRA, 2026

